

---

# Craques da resistência: O Futebol Feminino em São Luís, Maranhão

*Bruna Soares Pires,  
Cristianne Almeida Carvalho*

## Resumo

Em um cenário de adaptação global à modernidade (final do séc. XIX e início do século XX) e busca de uma identidade nacional, chega ao Brasil o futebol, incentivando a adesão de homens – mas de mulheres também. É sobre a participação feminina no futebol brasileiro, em especial na capital maranhense, que este artigo versa, cujos resultados apontam que apesar do preconceito ainda presente e falta de reconhecimento às mulheres jogadoras de futebol, elas são “craques da resistência” diante dos obstáculos e se movem a partir de ideais pessoais e coletivos. Espera-se que este artigo possa ilustrar a realidade maranhense e favorecer reflexões importantes sobre o futebol feminino, assim como favoreça mais estudos na área.

**Palavras-chave:** Futebol feminino, Psicologia do Esporte, História do Futebol, Futebol Maranhense.

---

## **Resistance craques: The Female Football in São Luís, Maranhão**

*Bruna Soares Pires, Cristianne Almeida Carvalho*

### **Abstract**

In a scenario of global adaptation to modernity (late nineteenth and early twentieth century) and pursuit of a national identity, soccer arrived in Brazil, encouraging men to join - but also women too. This thesis aims to talk about the female participation in Brazilian soccer, especially in the capital of Maranhão. The results show the prejudice evolving the female participation in this sport, even though women are "resistant players" from the perspective of a predominant male participation in soccer. They are competing based in personal and collective ideal. Move from personal and collective ideals. It is expected that this article may contribute to Maranhão's reality and promote important reflections on women's soccer, as well more studies in the area.

**Key-words:** Women's soccer, Psychology of Sport, History of soccer, Maranhense Soccer.

## **Craques de la resistencia: El Fútbol Femenino en San Luís, Maranhão**

*Bruna Soares Pires, Cristianne Almeida Carvalho*

### **Resumen**

En un escenario de adaptación global a la modernidad (finales del siglo XIX y principios del siglo XX) y la búsqueda de una identidad nacional, el fútbol llega a Brasil, alentando a los hombres a unirse, pero también a las mujeres. Se trata de la participación de las mujeres en el fútbol brasileño, especialmente en la capital de Maranhão, de la que trata este artículo, cuyos resultados señalan que a pesar de los prejuicios aún presentes y la falta de reconocimiento de las futbolistas, son "jugadoras de resistencia" ante los obstáculos y pasar de los ideales personales y colectivos. Se espera que este artículo pueda ilustrar la realidad de Maranhão y favorecer importantes reflexiones sobre el fútbol femenino, así como favorecer más estudios en el área.

**Palabras-clave:** Fútbol femenino, Psicología del deporte, Historia del fútbol, Fútbol Maranhense.

## **Introdução**

O Brasil é conhecido mundialmente como o país do futebol. Contudo, é notório que esta afirmação está restrita ao futebol masculino – que, desde os primórdios da história do futebol brasileiro, sempre recebeu maior destaque, atenção e investimentos que o futebol feminino. No Maranhão a situação está longe de ser diferente. Apesar dos inúmeros times de futebol feminino existentes, não encontram visibilidade frente aos times masculinos. Por melhores que sejam os resultados e o desempenho em campeonatos mundiais, no Brasil as jogadoras de futebol pouco avançam em direção ao reconhecimento social e midiático.

Nesse sentido, o que motiva estas mulheres a continuarem jogando futebol? Este artigo se destina a contar um pouco da história de algumas destas mulheres maranhenses, verdadeiras “craques da resistência” que apesar das dificuldades encontradas em campo, não penduram suas chuteiras e continuam driblando os obstáculos do preconceito e da discriminação, para citar alguns, em busca de reconhecimento e melhores condições para o futebol feminino.

### **Futebol no Maranhão: um histórico**

Já que o estudo se situa em terras maranhenses, é preciso ilustrar que o futebol no Maranhão registra seu início nos primeiros anos do século XX, mais precisamente em 1905, refletindo os primórdios do futebol nacional, que atribui como marco inicial a chegada de Charles Miller em São Paulo, então centro econômico do país. Contudo, as pesquisas sobre história do esporte no Brasil mostraram que em outros estados o percurso de Charles Miller foi repetido por outros burgueses que partiam à Europa para estudar e retornavam com as novidades existentes no Velho Mundo.

Assim, o Maranhão também possui o seu “Charles Miller”, representado por Joaquim Moreira Alves dos Santos, popularmente conhecido como Nhozinho Santos que, recém-chegado de Liverpool, Inglaterra, trouxe em sua bagagem um conjunto de aparatos pouco usual para a época: chuteiras, apitos, bolas, entre outros. Nhozinho Santos era filho de comerciantes e dos donos da Fábrica Santa Isabel de tecidos, também conhecida como Fabril, e estava na Inglaterra estudando técnicas industriais (Vaz, 2006; Carvalho, 2009).

No início do século XX, apesar da então proclamada República, o estado do Maranhão ainda se encontrava sob influência da Coroa Portuguesa, especialmente em se tratando da economia. Grande parte dos seus comerciantes eram estrangeiros que vislumbraram na capital maranhense uma oportunidade de lucro e enriquecimento, fazendo parte do sistema agroexportador maranhense, além de constituírem famílias e estabelecerem parcerias com as famílias aqui já constituídas. Assim, muitos enviavam seus filhos para a Europa a fim de realizar seus estudos e especializarem-se para, então, retornarem ao Maranhão e tomarem a frente dos negócios da família (Lima, 2009).

A capital São Luís, então, se encontrava em um momento de transição: estava tentando deixar os resquícios escravagistas e

monárquicos para trás, a fim de caminhar ao encontro da modernidade que tomava forma junto ao território republicano e capitalista brasileiro. Não cabiam mais as práticas antes adotadas e que traziam à memória o passado que estava tentando ser esquecido: todas as práticas que estivessem de acordo com o mundo civilizado deveriam ser adotadas - entre as quais, encontrava-se o futebol, considerado símbolo do mundo moderno (Carvalho, 2009).

Nhozinho Santos, em retorno a São Luís em 1905, apresentou à sociedade maranhense um esporte conhecido entre a realeza como *foot-ball*. Assim, o "Charles Miller do Maranhão" reuniu-se a alguns amigos na residência da família Santos, localizada na Rua Grande, no centro da capital São Luís, a fim de tratar da implantação do *Foot-ball Association* no Maranhão. Nessa reunião, nasceu o clube de futebol *Fabril Athletic Club*, que tornou-se conhecido como FAC (Vaz, 2006).

Os treinos do FAC, realizados no terreno da Fabril, começaram a chamar a atenção dos transeuntes da região - em sua maioria homens, que eram funcionários de outras fábricas nas redondezas. Logo, com o crescente interesse e aderência ao novo esporte, formaram-se os times *Black and White* e *Red and White*, ambos subtimes do FAC. A primeira partida entre estes dois subtimes ocorreu em 12 de maio de 1907, no qual o *Black and White* saiu vitorioso por 1 x 0 (Vaz, 2006; Carvalho, 2009).

Rapidamente o futebol já constava entre os esportes mais praticados pelos maranhenses, e algumas outras agremiações foram fundadas, entre as quais o Maranhense *Foot-ball Club*, fundado em 1908, inicialmente com dois subtimes internos: *Green and White* e o *Blue and White*.

A situação econômica, que sofreu um período de baixa de 1910 a 1917, gerou um período de baixa no futebol maranhense. Com a crise no setor têxtil, diversos clubes e agremiações, em especial ligadas ao futebol, foram desfeitos - entre eles o FAC, que devido aos débitos dos seus sócios precisou se desfazer. Segundo Carvalho (2009), as comemorações do tricentenário da cidade (1912) foram escassas no que diz respeito ao futebol. Apenas em 1913 houve a criação do *Atheniense Sport Club*, com seus dois subtimes principais: *Theodoro Jardim* e *Belfort Oliveira*.

Diversas foram as tentativas de reerguer o futebol maranhense através da reorganização de ex-fabrilenses em times efêmeros ou da criação de novos times. Até que nos anos 1930 a Era Vargas proporcionou às cidades brasileiras momentos de amplo crescimento econômico, e o esporte, que já se encontrava devidamente consolidado no estado, viveu um momento de amplo crescimento, em especial devido ao surgimento de outras associações e ao intercâmbio entre o Maranhão e o Pará (Vaz, 2006).

Segundo Martins (2013), em seu livro "História do Futebol Maranhense", São Luís, seguindo o fluxo crescente de adesão ao futebol, logo nas primeiras décadas do século XX assistiu ao

nascimento de alguns dos principais times de futebol masculino em evidência na atualidade: Maranhão Atlético Clube (1932), Moto Club (1937) e Sampaio Corrêa Futebol Clube (1923).

Desde então, o futebol maranhense vem se desenvolvendo, alternando momentos de glória, fracassos e ostracismo, o que pode ser comprovado pela quantidade de times que se formaram ao longo do século XX<sup>1</sup> e sua participação em campeonatos nacionais. Em 2013, por exemplo, o Estado teve um representante acessando a segunda divisão do futebol brasileiro: o Sampaio Corrêa (Sampaio Corrêa FC, 2016).

Tal conquista gerou grande repercussão local e ampla visibilidade nacional, alimentando a autoestima do torcedor maranhense. Atualmente, contudo, observa-se que o futebol maranhense volta a viver um momento de pouco destaque - um reflexo das dificuldades de organização institucional e financeira dos clubes e da Federação de Futebol Maranhense.

Até aqui se descreve a história do futebol na versão masculina, pois quase nada existe de registros sobre a participação feminina nesse cenário, apesar de não ser insignificante. Veremos mais adiante que o futebol feminino marca sua presença e vem tentando driblar as dificuldades em busca de reconhecimento. Mas às mulheres, não só no futebol, mas no esporte em geral, o espaço sempre foi restrito e em algumas modalidades, até proibida a sua prática. Vale retomar brevemente algumas passagens históricas para entender esse processo de exclusão feminina no esporte.

### **As mulheres e o Futebol**

Mesmo diante do Decreto-Lei nº. 3199, de 1941, do Conselho Nacional de Desportos, que proibia a participação feminina, por defender a feminilidade, a fragilidade, a beleza e os papéis da mulher como mãe, esposa e cuidadora segundo Knijnik & Vasconcelos (2003; Astarita, 2009; Goellner, 2005, 2006, 2008; Capitano, 2010), essa restrição não foi suficiente para impedir ou conter a presença feminina na modalidade, visto que já era uma realidade. Segundo Magalhães (2008), na década de 20 as mulheres já se organizavam em times e, inclusive, organizavam campeonatos. A criação do primeiro time de futebol feminino do Brasil, em Belém, capital do Pará, em 1924, é um exemplo de que as mulheres não se intimidaram diante da norma.

Segundo Knijnik e Vasconcelos (2003), Mourão e Morel (2005) e Guedes (2006), na década de 1930, movidas pelos ares de novidade e de mudança as mulheres começaram a procurar ainda mais pelo futebol. A prática desta modalidade popularizou-se, sendo estendida a todo o território nacional. No entanto, devido à pouca intimidade da maioria das jogadoras com o esporte e a comparação com o modo de

---

<sup>1</sup> Segundo a Federação Maranhense de Futebol, atualmente tem-se aproximadamente vinte times de futebol masculino.

jogar masculino, o futebol feminino tinha uma conotação de comédia para os espectadores. Era considerado, acima de tudo, uma caricatura da modalidade masculina, pois considerava-se o modelo masculino como referência para jogar futebol.

O futebol feminino, neste sentido, representava uma transgressão, uma quebra deste paradigma, devido à espetacularização do corpo feminino, além do risco à graciosidade e delicadeza – consideradas próprias da mulher – uma vez que o futebol era considerado um esporte agressivo e de contato e, por isso, predominantemente masculino (Franzini, 2005; Viana, 2008; Astarita, 2009; Capitano, 2010).

Segundo Mourão e Morel (2005), a partir de meados da década de 70, quando houve a revogação do Decreto-Lei nº 3.199, o futebol feminino começou a ter destaque na mídia e, por conta disso, aumentou significativamente o número de adeptas: as moças de classe média de Copacabana, por exemplo, se reuniam na praia para jogar, e levavam consigo seus namorados e as suas empregadas domésticas. No jogo não havia empregadas e empregadoras; havia várias mulheres que se reuniam para jogar futebol.

Os anos seguintes viram uma inserção cada vez maior das mulheres no futebol, seja enquanto jogadora ou torcedora nas arquibancadas, mas isso não significou o fim dos desafios. Se antes da década de 80 havia uma busca pelo direito de jogar futebol, a partir dessa década o esforço se volta para vencer estereótipos não apenas vinculados à prática do futebol, mas ao lugar da mulher na sociedade.

Os estereótipos e preconceitos relativos ao futebol levaram à crença de que as mulheres, atreladas à imagem de delicadeza, graça, provedoras da família, do casamento e dos filhos, não podiam se dedicar a essa prática. Tal restrição, ainda presente no imaginário popular, pode ser facilmente observada no teor de alguns títulos de reportagens, tais como: “Bonita assim, será que joga futebol?”; “Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol”; “O futebol depois da louça lavada” (Mourão & Morel, 2005; Goellner, 2003, 2005, 2006).

A mídia tem um papel importante nesse sentido, pois seu poder de alcance pode alimentar ou desmistificar os estereótipos e preconceitos da mulher esportista, ou ainda mantê-los e criar novos estereótipos. De masculinizada a mulher passa a ser vista como musa, associando sensualidade e fetiche à prática do futebol, restringindo ou distorcendo a imagem e o lugar que a mulher pode ocupar neste – e, novamente, levando em consideração um referencial masculino para avaliar a imagem das mulheres (Knijnik & Vasconcelos, 2003; Franzini, 2005; Mourão & Morel, 2005).

Assim, a participação das mulheres no campo dos esportes, especificamente no futebol, deve ser avaliada com certa cautela e de forma crítica. É visível a crescente participação e sucesso das mulheres nas mais diversas modalidades esportivas, inclusive no futebol, todavia, a sua participação continua menor do que a dos homens – o

que se deve em parte, à falta de incentivo: poucos campeonatos regionais, assim como salários menores ou muitas vezes inexistentes, se comparados ao futebol masculino (Capitania, 2010; Magalhães, 2008).

Apesar disso, é importante ressaltar que algumas mudanças já ocorrem, a exemplo de outros países e nos Jogos Olímpicos realizados no Brasil em 2016. Em comparação com a Olimpíada de Londres, em 2012, na qual de onze mil inscritos, cinco mil eram mulheres (Mulier, 2013), nas Olimpíadas de 2016 observou-se que, entre os 11.303 atletas inscritos, 5.185 eram mulheres (Lomba, 2016), além de 64 atletas e técnicos que se declararam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros ou Transexuais (LGBTT) – diferindo das Olimpíadas de Londres (2012), com 23 atletas ou técnicos LGBTT, e Pequim (2008), que contava com apenas 10. Devido a estes números, as Olimpíadas do Rio de Janeiro marcam a história como os Jogos da Diversidade (O Tempo, 2016; Esporte IG, 2016; Estadão, 2016).

Especificamente sobre o futebol feminino, registrou-se maior audiência televisiva (Portal Mídia Esporte, 2016) nesses jogos em relação ao futebol masculino: foram 22,8 milhões de pessoas assistindo ao futebol feminino, em detrimento a 21 milhões assistindo ao masculino. Ressalte-se que tais números podem estar influenciados pelos reflexos da participação do Brasil na última Copa do Mundo, mas não se podem excluir, também, os bons resultados da seleção brasileira feminina em Jogos Olímpicos. De todo modo, foi visível a receptividade do público e da mídia diante do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de 2016.

### **Futebol Feminino no Maranhão**

Diante de repercussões e resultados bem sucedidos mundialmente, o reconhecimento das mulheres no futebol brasileiro parece ser sempre episódico e fugaz. Como já citado, a realidade do futebol no Maranhão não é diferente de outras capitais brasileiras, carregando consigo muito preconceito quando o assunto é futebol feminino. A falta de estrutura e organização institucional impedem que o futebol masculino maranhense se mantenha em nível competitivo nacional, mas sua presença na mídia e nos estádios tem aceitação do público e de algumas instituições maranhenses que patrocinam os principais clubes. O futebol feminino está mais distante disso.

Apesar de haver um Campeonato Maranhense de Futebol Feminino, a Federação Maranhense de Futebol não oferece uma estrutura significativa para manutenção de campeonatos locais e apresenta poucas informações sobre as mulheres em seu site oficial. A mídia local não acompanha competições locais e limita-se a divulgar resultados pontuais no seu decorrer. Consequentemente, a sociedade local pouco ou nada sabe de sua existência. Como acontece na maioria dos estados, os times femininos maranhenses são extensões dos times masculinos, considerados amadores, isto é, não profissionais. Devido à falta de informações oficiais, os dados aqui apresentados foram obtidos através de entrevistas com as jogadoras ou com pessoas que

conheceram ou tiveram contato com o futebol feminino no Maranhão e informações presentes em sites de notícias locais ou testemunhos de funcionários de órgãos responsáveis pelo futebol no estado.

### **Caminho percorrido**

Para fins de levantamento de dados, os procedimentos metodológicos incluíram entrevista, composta por dados sociográficos das participantes e uma pergunta aberta disparadora. O instrumento foi aplicado em 11 jogadoras pertencentes a 5 times de futebol que atuam na capital do estado do Maranhão, São Luís. Os relatos foram analisados a partir do método fenomenológico de Amadeo Giorgi (2010), que caracteriza-se por ser uma forma de acessar as experiências vividas através da relação dialógica, tendo por objetivo apreender as vivências subjetivas relativas à determinada situação/experiência através do relato espontâneo das vivências das pessoas (Ranieri & Barreira, 2010; Simões & Souza, 1997). Este método foi escolhido porque o objetivo desta pesquisa é identificar os fenômenos que permeiam a escolha de mulheres pelo futebol como modalidade esportiva em São Luís, Maranhão, a partir do relato das mesmas. Utilizando o método fenomenológico, as teorias e *a priori*s relativos à pesquisa são postos entre parênteses, para que o fenômeno possa espontaneamente surgir. As perguntas devem ser feitas a fim de elucidar momentos não compreendidos, nunca para direcionar a entrevista para fins pretendidos, sendo a sua contrapartida a fala espontânea das pessoas entrevistadas. O público-alvo teve como critérios de inclusão mulheres que jogavam a modalidades de futebol de campo, em qualquer time da capital, com faixa etária acima dos 18 anos, independente da identidade de gênero. Foram excluídas as mulheres praticantes de outras modalidades esportivas, que não o futebol, e menores de 18 anos.

Foram entrevistadas 11 jogadoras pertencentes a 5 times que tiveram seus nomes ocultados e os relatos foram gravados mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), obedecendo aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº 506/16 do Conselho Nacional de Saúde.

A entrevista se constituiu por uma pergunta aberta disparadora: "Fale com riqueza de detalhes: como ocorreu a sua escolha pelo futebol". A pergunta disparadora guia o processo da entrevista e se relaciona diretamente ao objetivo do estudo, mas isso não significa que ela seja a única questão a ser levantada. É importante salientar que a entrevista fenomenológica destina ao pesquisador um lugar de extrema importância no processo: ele deve ter uma audiência atenta e desinteressada, sem direcionar as perguntas, para que, deste modo, a entrevista atinja os fins propostos.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, agendadas previamente com as jogadoras e realizadas em locais escolhidos pelas mesmas, de acordo com a sua disponibilidade. O método fenomenológico foi escolhido para análise de dados desta pesquisa por corresponder aos requisitos acadêmicos e científicos demandados para tal, além dos elementos já descritos acima.



Em sua proposta, Giorgi operacionalizou o método fenomenológico em quatro passos (Giorgi & Sousa, 2010) sendo o primeiro, denominado "Estabelecer o Sentido Geral"; O segundo, denominado "Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado"; O terceiro, denominado "Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico"; O quarto, denominado "Determinação Geral de Significados Psicológicos".

Assim, em um primeiro momento houve a audiência livre e desinteressada por parte da entrevistadora e dos relatos trazidos pelas jogadoras de futebol.

Em seguida, de posse das entrevistas, foi realizada uma leitura geral das transcrições das entrevistas, a fim de captar fenômenos gerais ali presentes, buscando dialogar com o objeto da pesquisa (passo 1). Feito isso prosseguiu-se ao passo 2: uma releitura do conteúdo, a fim de possibilitar ao pesquisador a discriminação das unidades significativas, elementos específicos no relato de experiência que possibilitaram análise minuciosa e compreensiva em relação aos objetivos da pesquisa.

As unidades de significado não são escolhidas de forma aleatória; seu sentido precisa estar estritamente relacionado aos objetivos da pesquisa - neste caso, os fenômenos que permeiam a prática do futebol feminino em São Luís/Maranhão (Decastro & Gomes, 2011).

Findo este momento, iniciou-se o passo 3, que diz respeito à transcrição de cada unidade de significado em termos de compreensão psicológica. Neste momento as expressões do senso comum presentes nos relatos das participantes foram mantidas ou alteradas para expressões semelhantes, visando clarificar e explicitar os fenômenos presentes nas narrativas das jogadoras, sobre suas vivências enquanto tal. O passo final se compõe de uma síntese geral das unidades de significado, onde as análises são realizadas.

## **Resultados e discussão**

Dentre os principais fenômenos alcançados destacam-se aqui as seguintes unidades de significado: *falta de estrutura e apoio institucional; preconceito e violência, benefícios da prática do futebol e amor pelo futebol.*

A primeira unidade de significado citada, "falta de estrutura e apoio institucional", inclui as jogadoras que trouxeram em seus relatos situações nas quais foram observadas as dificuldades relativas à falta de estrutura física e financeira para a prática do futebol, assim como a falta de apoio das instituições responsáveis pela organização do futebol, como por exemplo a Federação Maranhense de Futebol.

A gente foi entrar no Maranhense, a gente gastou 400 reais de inscrição, arbitragem, e nós não temos nenhum patrocínio. Nosso patrocínio somos nós mesmas, que vai com garra, com raça, sem ninguém para nos ajudar (MCFM).

As jogadoras relataram diversas dificuldades em seu percurso como jogadoras de futebol feminino. Uma das maiores dificuldades diz respeito à falta de estrutura para a realização e participação nos campeonatos, assim como para a criação e manutenção dos times de futebol e a filiação na Federação Maranhense de Futebol – que abre a possibilidade para a participação em mais campeonatos de futebol feminino.

Algumas hipóteses foram levantadas na tentativa de justificar a falta de apoio para o futebol feminino. Uma delas é a de que essa dificuldade de investimento para os times de futebol feminino advém do desconhecimento do potencial das jogadoras locais em detrimento às jogadoras de outras cidades ou de outros estados.

Outra consideração levantada pelas entrevistadas para justificar a falta de estrutura e apoio aparece na comparação com o futebol masculino. Nesse sentido, alguns relatos indicam a desvalorização profissional, uma vez que não só os times, mas os jogadores dos times masculinos recebem mais apoio para permanecerem jogando – muitas vezes sob o discurso de que “mulheres não servem para jogar”.

A segunda unidade de significado citada, preconceito e violência, contempla as narrativas que fazem referência a alguma situação de preconceito e violência vivenciada direta ou indiretamente pelas jogadoras.

Na escola, na rua, então alguns meninos falavam “ah, é macho-fêmea”, caracterizavam esse tipo de estereótipo: “macho-fêmea”, “ah, ela joga futebol ela é sapatão”, ou “não gosta de meninos”, ou “tem um jeito masculinizado”, então sempre jogavam isso no início (KAP).

O preconceito e os estereótipos estão presentes no relato das jogadoras, tanto no âmbito familiar quanto em outros meios sociais, como a escola ou o bairro, e as jogadoras reconhecem o quanto isto as impediu de se aprimorar no futebol. Contudo, apesar das situações sofridas com preconceito e violência, elas desenvolveram formas próprias para responder e enfrentar tais situações.

Assim, a minha avó era do tempo antigo, em que o futebol era visto só para os homens, e que mulher era só dentro de casa para cuidar de casa, e isso me prejudicou muito, porque eu queria ir para os treinos, ainda mentia dizendo que eu ia estudar, “fazer trabalho vovó”, sendo que ao invés de eu levar meus livros eu levava era a minha chuteira para ir treinar, entendeu? E isso eu vejo que eu me aprimorei. Que se não fosse por esse esforço de ter... eu sei que eu errei de ter mentido para ela, mas para mim foi um esforço para chegar aonde eu cheguei (AFA).

Estas duas unidades trazem elementos que corroboram com Goellner (2003, 2005, 2006), que traz que o futebol feminino ainda é visto com preconceito porque a imagem de mulher que se tem no imaginário cultural brasileiro é atrelada à imagem de fragilidade, delicadeza, provedora do lar – e que, por isso, não podem estar em um ambiente cujos valores e características são distintos: agressividade, velocidade e dedicação a algo externo ao ambiente doméstico, atrelados, então, à imagem masculina.

Contudo, nem tudo são pedras; existem as flores presentes no caminho das jogadoras. As duas unidades que seguem demonstram que existe algo de positivo no futebol feminino – o que pode justificar, inclusive, a permanência das jogadoras mesmo em situações adversas.

A terceira unidade de significado, denominada *benefícios da prática do futebol*, apresenta as narrativas nas jogadoras que garantem que há benefícios na prática do futebol feminino, e estes, em grande parte, não são de ordem material.

Nenhuma das jogadoras afirmou receber incentivos de ordem financeira que sejam advindos da prática do futebol; ao contrário: elas demonstraram clareza diante das dificuldades em se tornarem outras “Martas” e da impossibilidade de viver do futebol, considerado por elas uma realidade distante, ao menos financeiramente. Prova disso é que todas elas possuem uma ocupação além do futebol: trabalham, estudam ou conciliam as duas atividades. Muitas jogadoras permanecem jogando e sentem-se recompensadas com o futebol através de bolsas de estudos, viagens, novas experiências de vida, para citar alguns exemplos.

Com doze anos eu já fui pra uma outra escola com bolsa de estudo, então já era o compromisso, porque o que pagava meus estudos era a bola que eu jogava. Passei um ano e meio numa escola, a escola me tirou no meio do ano, pra eu poder disputar a competição [...] Depois disso eu fui pro Dom Bosco também, ganhando bolsa, e aí estudei lá, acho que todo o resto da minha fase de... de escola, até terminar. Não mudei mais de escola, falta de oportunidade não, mas por que acho que eu cheguei no ápice. Pra mim ali foi, foi o ápice, não tinha por que ir pra outra escola. Então, terminei meus estudos também numa escola boa, através do esporte (MVBM)

O incentivo financeiro não é descartado, contudo, não é colocado em primeiro plano pelas jogadoras. A aprendizagem e o crescimento, bem como o espírito competitivo e a esperança de serem descobertas em seus talentos, são motivadores que fazem com que as jogadoras permaneçam em campo.

Apesar de não receberem um retorno financeiro desejado, o prazer em jogar está sempre presente. Elas afirmam que amam o que fazem, pois isto lhes dá prazer. Elas são, em suas palavras, apaixonadas pelo futebol. Este amor pelo futebol faz com que as jogadoras continuem se mantendo em campo, apesar de todas as dificuldades, preconceitos e demais situações contraditórias vivenciadas ao longo do seu percurso – como será explicitado no tópico que segue.

A quarta unidade de significado, amor pelo futebol, abarca os relatos das jogadoras que afirmam que, apesar das dificuldades encontradas, são apaixonadas pelo futebol. O futebol, para elas, se iguala a outras atividades que, para a maioria das pessoas, são consideradas prazerosas, tais quais os relacionamentos afetivos, como pode ser visto abaixo:

Eu sempre fui muito apaixonada, é o que sempre me motiva, é o que me envolve até hoje ainda, apesar das dificuldades e dos desafios, do trabalho, dos estudos, da faculdade, mas eu sempre tento de alguma forma me envolver ainda com o

futebol, que é o que me liberta, me dá a sensação de prazer (KAP).

E tem que gostar muito de futebol. Eu amo muito o futebol! Se fosse para escolher entre namorar e jogar futebol, eu escolheria jogar futebol. Eu prefiro futebol. Eu amo jogar bola (MCFM).

Segundo Viktor Frankl (2011), o sentido é fundamental ao ser humano, pois através da realização do sentido os indivíduos passam a compreender a sua existência como justificada, como uma missão pessoal e inalienável. Quando as pessoas tem um sentido em suas vidas, elas conseguem enfrentar diversas situações, inclusive dificuldades, em prol do mesmo (FIZZOTTI, 1996). Observou-se, ao longo das entrevistas, que, apesar das dificuldades, as jogadoras permanecem em campo porque o futebol é o elemento que as auxilia a perceber a sua existência enquanto justificada. É aquilo que as motiva e as impede de desistir. Em outras palavras, o futebol é um sentido para estas jogadoras (FRANKL, 2011).

## **Considerações finais**

As distinções entre o gênero masculino e feminino se evidenciam no futebol, muitas vezes, para além das diferenças de sexo, através do preconceito e discriminação. A luta das mulheres não é pela igualdade, no sentido de eliminar as diferenças, mas de igualar-se em direitos tais quais respeito e dignidade, garantindo condições melhores para sua prática esportiva.

Enquanto País do Futebol, o Brasil ainda prioriza o futebol masculino. Hoje é permitido que as mulheres joguem futebol, afinal, já não há mais legislação que as impeça. Os limites são estabelecidos de outra forma. O preconceito e os estereótipos apresentam-se como obstáculos, além do pouco incentivo financeiro, falta de estrutura para a prática nos clubes e ausência de campeonatos nacionais e regionais, além da baixa remuneração. Contudo, e a despeito das dificuldades, elas ainda se mantêm na ativa, driblando os problemas em prol do seu objetivo: serem reconhecidas enquanto categoria.

No País do Futebol esse esporte ainda não convidou as mulheres para jogar. Mas elas não precisam de convite, o que pode ser comprovado pelas demonstrações de persistência que elas vêm dando. São, portanto, verdadeiras craques na arte de resistir.

## **Referências**

Astarita, P. E. (2009). Incentivos e Dificuldades Vivenciados por Atletas do Futsal Feminino Universitário. 32 f. Monografia, Licenciatura em Educação Física. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Capitanio, A. M. (2010) Autopercepções de Desigualdades de Atletas Mulheres. Revista Polêmica, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 70 – 83, abr./jun.

Carvalho, C. A. (2009) Terra, Grama e Paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 – 1930). São Luís/ MA: Café e Letras. Coleção Café Acadêmico.

DeCastro, T. G.; Gomes, W. B. (2011) Aplicações do Método Fenomenológico à Pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.28, n.2, abril/ junho. p. 153-161.

Esporte IG. (2016). LGBT: Olimpíada do Rio se consolida como os "Jogos da diversidade". Recuperado em 20 fev. 2017 de <http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-08-16/lgbt-olimpiadas-rio-2016-diversidade.html>.

Estadão. (2016). Olimpíada do Rio se consolida como os 'Jogos da diversidade'. Recuperado em 28 out. 2016 de <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,olimpiada-do-rio-se-consolida-como-os-jogos-da-diversidade,10000069778>.

Fizzotti, E. (1996). *Conquista da liberdade: Proposta da Logoterapia de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulinas.

Frankl, V. E. (2011) *A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus.

Franzini, F. (2005) Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328.

Giorgi, A.; Sousa, D. A. (2010) *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.

Goellner, S. V. (2003). *Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na revista educação física*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí.

. (2005). *Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143- 151, abr./jun.

. (2006) *Mulher e Esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história*. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100.

. (2008) "As Mulheres Fortes São Aquelas Que Fazem Uma Raça Forte": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Recorde Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun.

Guedes, C. (2006). *A Presença Feminina no Futebol Brasileiro*. In: Silva, F. C. T. da, & Santos, R. P. dos. (Orgs.). *Memória Social dos Esportes: Futebol e política, a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, p.281-284.

Knijnik, J. D., & Vasconcelos, E. G. (2003). *Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol*. In: *Mulher e Esporte: mitos e verdades*. Simões, A. C. (org). Barueri: Manole. p. 165-175.

Lima, E. M. dos S. (2009). *Honradas Famílias: poder e política no Maranhão do século XIX (1821-1823)*. 139 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Lomba, G. (2016). *Rio 2016. Uma Olimpíada mais feminina: 15 atletas que derrubaram barreiras*. GE – Globo Esporte. Recuperado em 15 nov. 2016 de <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/uma-olimpiada-mais-feminina-15-atletas-que-derrubaram-barreiras.html>.

Magalhães, S. L. F. (2008). Memória, Futebol e Mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense. *Revista de História de Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-39.

Martins, M. (2013). *História do Futebol Maranhense*. São Luís, MA: Coleção Memória do Esporte Maranhense.

Mourão, L., & Morel, M. (2005). As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86.

Mulier. (2013). Mulheres batem recorde de participação e na conquista de medalhas nas Olimpíadas 2012. Recuperado em 20 nov. 2016 de <http://jornalmulier.com.br/mulheres-batem-recorde-de-participacao-e-na-conquista-de-medalhas-nas-olimpiadas-2012/>.

O Tempo. (2016). Olimpíadas do Rio se consolidam como os 'Jogos da diversidade'. Recuperado em 20 fev. 2017 de <http://www.otempo.com.br/hotsites/olimp%C3%ADadas-2016/olimp%C3%ADadas-do-rio-se-consolidam-como-os-jogos-da-diversidade-1.1356400>.

Pires, B. S. (2017). *Mulheres em Campo: um olhar fenomenológico sobre os elementos que possibilitaram a escolha do futebol pelas jogadoras em São Luís do Maranhão*. 129f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA.

Portal Mídia Esporte. (2016). Futebol feminino dá mais audiência que masculino na Olimpíada, diz Ibope. Recuperado em 15 nov. 2016 de <http://www.portalmidiaesporte.com/2016/08/futebol-feminino-da-mais-audiencia-que.html>.

Ranieri, L. P.; Barreira, C. R. A. (2010) A Entrevista Fenomenológica. In: *Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*, 4. 2010, Universidade Estadual Paulista Campus Rio Claro, Pesquisa Qualitativa: rigor em questão, Anais, São Paulo : [s.n.].

Sampaio Correa FC. (2013). O Sampaio Corrêa saiu da série C e ascendeu para a série B no Campeonato Brasileiro de 2013. Recuperado em 15 nov. 2016 de <http://www.sampaiocorreafc.com.br/>.

Simões, S. M. F.; Souza, I. E. de O. (1997) Um Caminhar na Aproximação da Entrevista Fenomenológica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 13-17.

Viana, A. E. dos S. (2008). Futebol: Das questões de gênero à prática pedagógica. *Conexões*, Campinas, v.6, ed. especial, p.640 – 648, jul.

Vaz, L. G. D. (2006). Futebol no Maranhão, 1905 – 1917. In: Da Costa, L. P. (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, p. 20-25.

## Sobre o autor

### **Bruna Soares Pires**

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, MA, Brasil

### **Cristianne Almeida Carvalho**

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, MA, Brasil

## **Contato**

### **ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Cristianne Almeida Carvalho

Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas -  
CCH - Departamento de Psicologia. - Av. dos Portugueses, s/n -  
Campus do Bacanga - CEP: 65080-040 - Sao Luis, MA - Brasil

### **E-MAIL**

cristianne.01@uol.com.br

### **TELEFONE**

+ 55 (098) 321098335